Conversão de um Pantera Negra

Causou grande celeuma e consternação o fato de Eldridge Cleaver, ex-líder dos Panteras Negras e foragido da justiça, declarar que estava voltando para os Estados Unidos e para a prisão. Após seu regresso e sua detenção, houve notícias de que seu radicalismo tinha sofrido mudança total, de que a amargura e o ódio que haviam caracterizado sua retórica tinham sido substituídos por um novo tom, moderado e até mesmo conciliador.

Qual será a verdade? Terá a odisséia de Cleaver pelas nações comunistas e do Terceiro Mundo modificado profundamente suas convicções políticas? Terá sofrido, como afirmaram alguns repórteres, uma verdadeira «conversão»? Talvez só o tempo venha a responder a estas perguntas, mas o mistério que rodeou seu exílio de sete anos e seu regresso dramático aos Estados Unidos é desvendado aqui, através de uma extraordinária série de entrevistas obtidas de Cleaver, na prisão.

LAILE E. BARTLETT

«PREFIRO estar preso nos Estados Unidos a permanecer em liberdade em qualquer outro lugar do mundo.»

Slogan para o bicentenário? Discurso de campanha eleitoral? Não. Estas palavras são de Eldridge Cleaver, o ardente revolucionário Pantera Negra que *está* na prisão. Cleaver deve saber o que diz. Desde os 12 anos de idade, já esteve internado em diversos centros de detenção. Passou nove anos em prisões da Califórnia.

Que conceito fazemos de um homem rotulado de rebelde perigoso e que voluntariamente renuncia a viver em Paris com sua família, a um apartamento à beira do Mediterrâneo onde podia escrever, à segurança da proteção oficial, por uma cela numa prisão norte-americana? Regressar foi idéia dele próprio, apesar de saber que seria preso no momento em que desembarcasse nos Estados Unidos.* Aguarda julgamento numa prisão de Oakland, Califórnia, sem direito a fiança, acusado de

* O F. B. I. tinha um mandado para sua captura, por violação de liberdade condicional, relacionada com uma acusação de agressão à força policial. Essa acusação resultara de uma confrontação em 6 de abril de 1968 entre a polícia de Oakland, Califórnia, e os Panteras Negras, durante a qual foi morto o tesoureiro dos Panteras Bobby Hutton, e ficaram feridos dois policiais, Cleaver e outro Pantera.

delitos para os quais a sentença máxima é a prisão perpétua.

Enquanto luta pela liberdade, está também lutando para que acreditem nele. Para os direitistas, que se lembram de suas idéias de 1968 («Abaixo o Pentágono!»), será sempre suspeito, mas agora seu antigo partido, os Panteras Negras, denunciou-o como delator. Apenas uma coisa parece certa: Cleaver já não se ajusta à classificação tradicional, direita ou esquerda. Ele insiste: «Ajo por mim mesmo.» Hoje declara: «A polícia da década de 60 está ultrapassada, em todos os níveis. Temos de trabalhar dentro da estrutura de nossas instituições.»

Para chegarmos a uma perspectiva sobre o mistério Cleaver, é preciso compreender três coisas: por que razão ele fugiu dos Estados Unidos, por que regressou e, o mais importante ainda, que aconteceu com ele nesse meio-tempo. Eis aqui sua aventura, digna de livros policiais.

Todos tínhamos medo. Em novembro de 1968, Eldridge Cleaver, que se achava em liberdade condicional, fugiu através da fronteira canadense a fim de tomar um navio que o levaria para Cuba e a «liberdade». Por que fugiu? Porque temia pela própria vida. Se tivesse de voltar para San Quentin e aguardar julgamento por agressão à polícia, «sabia» que jamais seria julgado. No estado em que as coisas se encontravam, seria morto antes disso. «Todos nós tínhamos medo», diz ele. «A polícia tinha medo. Estavam matando muita gente.»

Quando desapareceu, Cleaver era o ministro da informação dos Panteras Negras, força poderosa num explosivo movimento popular. Sob sua liderança, os Panteras Negras, que eram apenas uma organização local de Oakland, transformaram-se num movimento internacional, copiado pelos outros movimentos de libertação pelo mundo afora. Escritor (seu livro *Soul on Ice* foi *best-seller*), Cleaver era também símbolo e porta-voz de um público que transcendia raça e classe, e seus inimigos estavam ansiosos por se verem livres dele.

Crise de identidade. Anos antes, Cleaver escreveu que a prisão destrói a personalidade. Hoje acrescenta que o mesmo ocorre com o exílio. Procurando passar despercebido, adotava com freqüência nomes supostos. «Atravessei uma verdadeira crise de identidade por usar tantos nomes falsos. Certa vez, numa fronteira, não conseguia lembrar-me que nome devia declarar. Não estava bêbado nem sonolento; era simplesmente algo psicológico.»

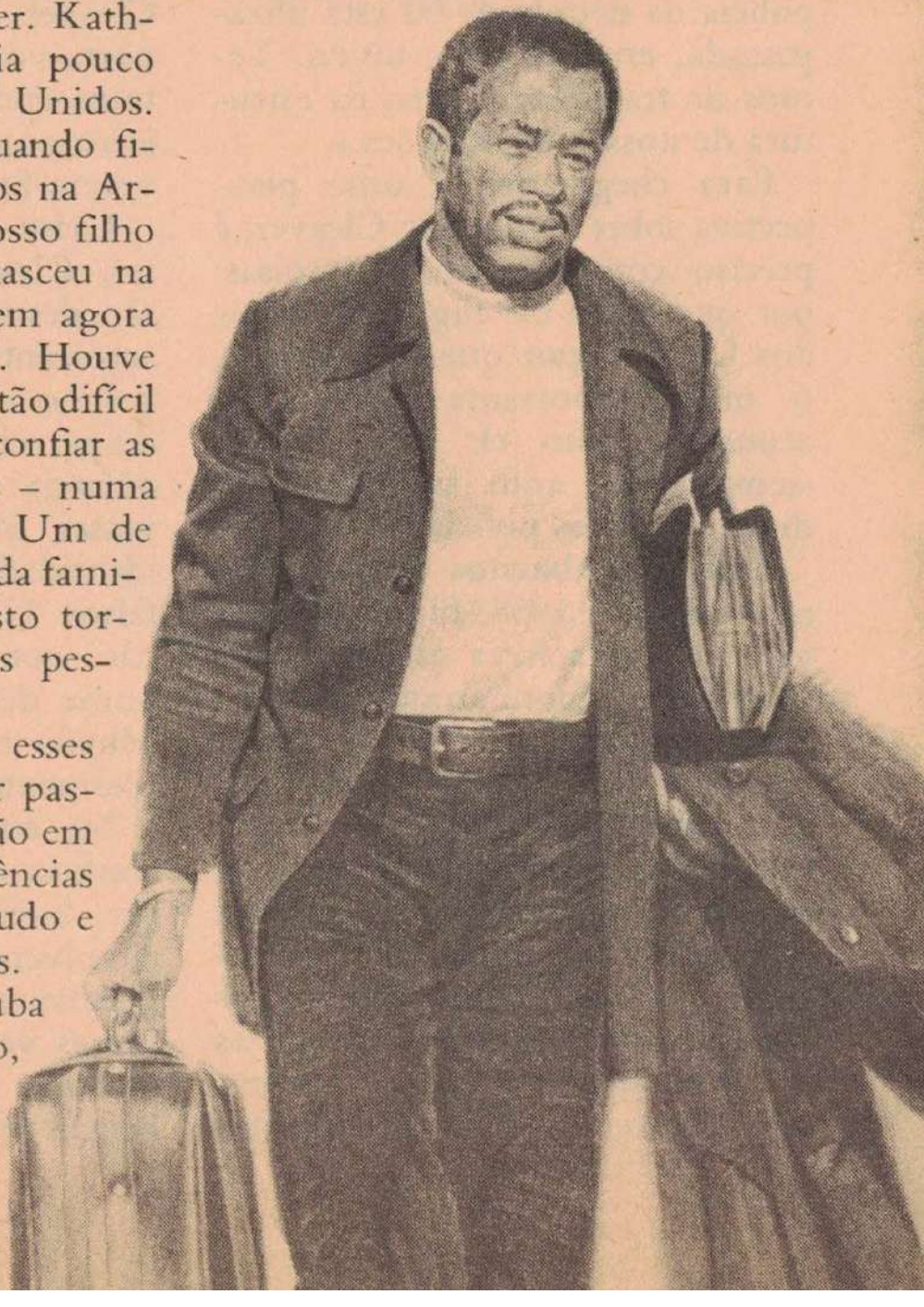
No entanto, além da ansiedade confusa que atormenta o impostor, havia um contexto nervoso envolvendo todas as suas ações: a permanente sensação de perigo. Umas vezes, era a luxuosa hospitalidade como convidado oficial, beneficiando de *status* quase di-

plomático, com «mala diplomática» e privilégios de imunidade, convites do governo e segurança garantida; outras, fugas precipitadas e aperturas para sobreviver. Em qualquer dia ou noite podia chegar a notícia de haver sido assassinado outro amigo, ou de ter desaparecido misteriosamente.

Como pode Cleaver lembrar-se de todos os altos e baixos desses sete anos agitados? «É fácil», exclama ele rindo. Posso indicar a data de qualquer acontecimento tomando por base as épocas de gravidez de minha mulher. Kathleen estava grávida havia pouco quando fugi dos Estados Unidos. Estava no oitavo mês quando finalmente nos encontramos na Argélia. Um mês depois, nosso filho nascia ali. Nossa filha nasceu na Coréia do Norte. Um tem agora sete anos; a outra, seis. Houve ocasiões em que a vida era tão difícil que fomos obrigados a confiar as crianças a outras pessoas – numa delas, durante um ano. Um de meus anseios é ter uma vida familiar normal, tranqüila. Isto torna-se um sonho para as pessoas na minha situação.»

Cuba libre? Durante esses anos, o exílio de Cleaver passou por três fases: desilusão em Cuba; viagens e experiências com base na Argélia; estudo e amadurecimento em Paris.

Cleaver foi para Cuba como aliado da revolução, a convite de Fidel Castro. Ele encarava Cuba como modelo de libertação, mas acabou vendo que era um modelo de opressão. «O ambiente é de desesperança e angústia, o povo não tem qualquer maneira de influenciar as decisões do poder. Foi uma triste descoberta, mas verifiquei que isso era assim, não apenas em Cuba, mas em todos os países por onde andamos e nos quais existem governos ditatoriais semelhantes. Os líderes agem por si mesmos, não pela vontade do povo. O partido destrói as pessoas com a maior facilidade.»



A hospitalidade dispensada ao próprio Cleaver modificou-se assim que ele começou a fazer críticas. Quando um repórter da Reuters descobriu quem ele era e noticiou ao mundo que Cleaver estava em Havana, ele se tornou indesejável. «Planejaram mandar-me para a Argélia, a fim de se livrarem do embaraço que minha presença causava. Fidel deu-me sua palavra pessoal de que eu podia regressar a Cuba, mas logo soube que ele não tinha a menor intenção de me deixar voltar ao país.»

Aprendendo a lição. A Argélia iria tornar-se a base de Cleaver durante quatro anos. Eldridge descobriu que esse país era «uma espécie de terra sem lei, como o velho Oeste selvagem. O governo oprime duramente o povo; mas, no que respeita à comunidade estrangeira, é um mundo completamente diferente.» Kathleen melhorou seu francês e tornou-se intérprete da seção internacional dos Panteras Negras, que eles organizaram em Argel.

Ali, no centro da rede do Terceiro Mundo, vivendo numa mansão que lhes foi cedida pelo governo, recebiam mensagens e visitantes. Cleaver percorreu a maioria das novas nações africanas e perambulou através de quatro continentes como embaixador de um movimento de libertação. Foi convidado oficial no importante Festival Cultural Pan-africano e delegado no Congresso Internacional de Jornalistas Comunistas.

Na Argélia, foi constituída a delegação com a qual Cleaver fez uma viagem à Ásia em 1971, acolhida com todas as honras na Coréia do Norte, no Vietnam do Norte e na China, como «a delegação antiimperialista do povo norte-americano». Nesses países, ele aprendeu também a não repudiar os valores tradicionais. «Eles não rejeitavam totalmente seu passado histórico e suas tradições. Salientavam quanto era destrutivo fazer tal coisa e procurar substituir esse passado e essas tradições por uma filosofia inteiramente nova. Assim, vendo como eles procediam, compreendi até que ponto estávamos agindo de modo amadorístico e tolo.»

Nessa ocasião, Cleaver sentiu também o grande choque gravitacional de forças entre a União Soviética e a China. «Os russos e os chineses estavam em rivalidade permanente para assegurar a lealdade dos outros. Qualquer parcialidade que se mostrasse para com a China, despertava o rancor dos russos, e vice-versa. Era um escândalo o cinismo dos chineses e russos em relação à luta do povo vietnamita. Gostavam de alardear em seus jornais o quanto estavam ajudando os movimentos de libertação; mas, quando se falava de perto com eles, verificava-se que regateavam duramente tais auxílios.»

«Conquistar e destruir». Ao mesmo tempo, Cleaver descobriu as armadilhas da linguagem revo-

lucionária. «Quando um norte-americano fala de mudar ou derrubar o governo, não quer dizer a mesma coisa que um estrangeiro. Quando eu disse: 'Abaixo o Pentágono!', não queria que acabássemos com o atual estado-maior, ou algo como isso. Com 'Limpem o Congresso!' queria dizer: 'Vamos nos livrar de alguns desses senadores.' Os estrangeiros, no entanto, querem dizer: 'Vamos acabar com tudo.'»

A mais espantosa experiência de Cleaver no estrangeiro foi ser convidado para reuniões onde se discutiam abertamente os planos de outras nações em relação aos Estados Unidos. «O que ali se dizia era de fato a projeção de uma estratégia global, ou seja, primeiro, o movimento comunista internacional 'libertaria' o chamado Terceiro Mundo e colonizaria o globo. Isso isolaria os Estados Unidos. Ao mesmo tempo, a superioridade no poderio armamentista começaria a pender a favor do novo mundo. Chegaria então o momento em que, devido à desintegração interna dos Estados Unidos, seria possível destruir a máquina militar norte-americana.» Nessa fase, os revolucionários dentro dos Estados Unidos tomariam o poder. Na África, qualquer um vê que os soviéticos e cubanos, quando traçam sua estratégia para Angola ou a Rodésia, partem do princípio de que podem contar com certos elementos dentro dos Estados Unidos. Isto faz parte de sua perspectiva – de que vão, no final, conquistar e destruir, de que vão vencer.»

Cleaver diz que ouviu essas afirmações, ora em discursos oficiais, ora em coquetéis nas embaixadas. «Conversei com generais da União Soviética e marechais da China. Estive presente quando brindaram à destruição dos Estados Unidos. Planejam constantemente ataques de surpresa. Estão dispostos a eliminar, se possível, mas, em qualquer caso, em cercar, ultrapassar e neutralizar os Estados Unidos.»

Condenado a meditar. Paris foi a fase final e «tranqüila» do exílio de Cleaver. Durante o primeiro ano, viveu ilegalmente, mas o governo francês, por fim, tomou medidas para legalizar a permanência dos Cleavers na França. A condição era que não se entregassem a atividades políticas de qualquer natureza.

Foi como se o preço do asilo correspondesse a uma sentença para meditar. Cleaver interessou-se pelos libertadores que tinham alcançado renome. Estudou de novo Malcolm X e Martin Luther King Jr., relendo os discursos e escritos deste último e consultando as fontes que o tinham influenciado: Emerson, Thoreau, Walter Rauschenbusch (professor e evangelizador social de antes da Primeira Guerra Mundial).

«Quando King mencionou que os *Princípios Sociais de Jesus,* de Rauschenbusch, o haviam influen-

ciado, imediatamente procurei um exemplar, e encontrei aí uma imagem de Jesus mais de acordo com as minhas próprias preocupações. Esse livro fala de um Jesus apreensivo com a situação social, e que era na verdade a voz do maior revolucionário. Por isso, estudei o livro, e também a Bíblia.

Verifiquei que minha filosofia anterior era vazia em sua substância. Acabei vendo que as ideologias marxistas-leninistas encerram um erro fundamental. Tudo quanto se relacione com o espírito ou com matérias religiosas é classificado de 'idealismo' e condenado como sendo o 'ópio do povo'. Compreendi que temos não só a possibilidade, mas a necessidade de nos dedicarmos à moral e às relações entre as pessoas. O que tornou o marxismo-leninismo impraticável foi que não há nele humanidade nem amor.

«Portanto, eu estava errado, e os Panteras Negras também. O materialismo, a separação racial, o negativismo destrutivo, o ódio, não vão resolver nada. Posso ver isso agora.» Cleaver tinha atingido o momento em que desejava regressar aos Estados Unidos, mesmo que tivesse de passar o resto da vida na prisão.

Regresso do filho pródigo? No dia 18 de novembro de 1975, o F. B. I. prendeu Cleaver quando desembarcava do avião em Nova York. Por que tinha regressado? Cleaver estava mudado; seu país, também. «Acabada a guerra da Indochina, destruído o regime de Nixon e modificada a situação política dos negros (com eleitores brancos votando em prefeitos negros), tudo me parecia indicar que a situação política nos Estados Unidos não era a mesma de 1968. Exigia novo exame.»

Quanto a seu passado agitado, Cleaver não o deplora. Os Panteras Negras? «Não estou agora de acordo com eles, mas foi aí que aprendi.» A respeito de *Soul on Ice*? «Hoje já não diria o mesmo, mas eram palavras honestas quando as escrevi.»

Cleaver afirma ter uma perspectiva muito particular da América do Norte. «Eu conheço os planos de outras nações quanto aos Estados Unidos. Dadas as intenções de outras potências, não podemos nos permitir o ódio racial ou a luta de classes.

«No passado, levantou-se o problema de saber se os negros iam ou não fazer parte dos Estados Unidos; se os brancos iam nos deixar participar do processo político. Agora, penso que tal questão foi resolvida, e que estamos aqui para ficar. Estamos integrados no sistema.

«Penso que os negros precisam concentrar seus esforços para melhorar o sistema, opondo-se tanto a bater ruidosamente na porta para entrar, quanto a arrombá-la porque não vêm abri-la.

«Vivemos uma situação internacional muito perigosa. Todo o conceito das instituições democrá-

ticas está sendo atacado por forças muito poderosas que têm a intenção de eliminar os processos democráticos porque eles representam ameaça constante a seus próprios regimes autoritários. Este é um problema muito perigoso porque, para manterem as aparências, os dirigentes desses países precisam de ter um inimigo externo – e somos nós.

«É necessário termos muito cuidado para salvaguardar nossas instituições e nossas liberdades, e para apresentar nossos argumentos ou discordâncias de maneira mais sutil. Temos de achar uma nova forma de encarar as mudanças: não devemos cair no antigo *status quo*.

«No entanto, não podemos nos dar ao luxo daquela espécie de limpeza doméstica desordenada que experimentamos no passado; isso apenas faz oscilar o barco até afundá-lo. Há outros povos que estão aguardando esse momento de instabilidade para ajudar a *manter* o barco no fundo.

«Todos juntos, devemos decidida e cuidadosamente construir sobre o que há de bom nos Estados Unidos, e modificar o que há de mau, para a salvação de nossas almas e de toda a humanidade.»

MUITAS vezes são injustas as críticas que se fazem à cidade de Nova York, segundo a opinião de um nova-iorquino. «Recentemente, morreu em Manhattan uma mulher de 103 anos», explica ele, «e alguém disse: 'Estão vendo? Imaginem quanto tempo ela teria durado se morasse em outro lugar qualquer.'»

– M. McG.

MEU MARIDO me comprou uma máquina de lavar louça, no meu aniversário. Ao preencher o certificado de garantia, deparou com a pergunta: «Qual é o modelo e o ano da máquina que vai substituir?» Ele escreveu: «Minha mulher, 24 anos.»

– B. J. M.

O FILHO de um amigo meu conseguiu seu primeiro emprego. Todas as manhãs, bem cedo, era o pai quem tinha de acordá-lo, gritando pelo nome do filho de lá do andar de baixo até que o rapaz aparecia.

Então, o jovem teve as primeiras férias de cinco dias, e o pai o deixou dormir até tarde. Em quatro desses dias, o vizinho do lado chegou tarde ao serviço.

– H. M. M.

UM JOVEM que ia casar perguntou ao famoso biólogo Jean Rostand: «Qual é o melhor conselho que o senhor me pode dar neste caso?»

«Nunca fale de sua mulher aos seus amigos», respondeu Rostand, «e muito menos conte a ela o quer que seja sobre eles.»

– Mina e André Guillois